

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 627	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	5950	5120	25 DE MAIO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	28000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

NADA!

Um titulo que pôde parecer modesto, que pôde parecer hypocrita, que nem uma nem outra coisa é.

Assim chamou Julio Dantas ao seu bellissimo livro de versos.

E' um estudo d'alma doente, ainda não de todo abandonada, mas apesar d'isso, de quando em quando, tendo gritos de exaggerado desespero doído; não imploram elles compaixão: são como os dos feridos que, nas ancias do soffrer, tentam arrancar o aparelho que os ha de curar.

São dôres a vida, e, porque amamos a vida, amaremos as dôres.

*Ai, pelo que vejo em mi,
Nós gostamos de soffrer.*

A Dôr, personificada pelos poetas, não é para o auctor do NADA a boa amiga a quem Baudelaire pedia a mão; com quem, afastado do bulicio da grande cidade, esperava tranquillamente a doce noite que vinha caminhando do oriente; a quem, nas horas do crepusculo, mostrava a Saudade surgindo das aguas, debruçando se nos balcões do céo. Em Julio Dantas a dôr é uma fatalidade. Não é a terna companheira que se acalenta em segredo, que se beija a horas mortas, que descanta musicas velhas, que nos enche as faces de lagrimas que refrescam.

*Gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho.*

D'esse estado d'alma que nos descreve não lhe sabemos a causa; mal, n'um verso ou outro a poderemos entrever. A dôr parece n'elle innata, faz parte integrante do seu espirito, é um membro do seu todo. Parece que a cultiva para poder queixar-se e que se queixa para mais engrandecel-a.

*Porque não tenho al
Do que meu soffrer,
Só poderei ter
Saudades do mal:
Ay, triste afinal,
Quem não tem ninguém
Nem saudades tem.*

Ha entretanto alguém no mundo a quem elle chama *Luç de seus olhos*. Estas palavras meigas abrem o livro, como uma Ave-Maria n'um sermão de lagrimas. Pede-lhe que o vá ver, quando já os vermes no cemiterio lhe hajam esbrugado os ossos; quer que os formosos dedos d'oiro lhe toquem o craneo, que os olhos afflictos o observem. Foi dentro d'aquella caveira que tantos pesadelos brotaram, dentro d'aquellas paredes osseas que a dôr tomou vulto, engrandeceu poderosamente, despoticamente absorveu uma vida.

*Dentro d'essa caveira, desgraçada
Por teus olhos ver: s, em cinza escura,
A vida do meu cérebro tornada:*

*Terá vivido ahí minha amargura;
Lê-me depois, e vê, que pó, que nada,
Toda esta dôr, toda esta desventura!*



A RESPOSTA DO INQUISIDOR
DESENHO A PASTEL DE S. M. EL-REI D. CARLOS
(Gravura de C. Alberto)



JULIO DANTAS

n'aquella bella cabeça, magra, maçilenta, cheia de contrastes: lábios carnudos, nariz accentuado e grosso, n'um rosto ponteagudo, a expressão triste da bocca desmentindo uma luz de alegria no olho negro, um scintillar de mocidade n'aquella orbita que não afunda uma pequenina preza, uma ligeira ruga, uma tinta nas oiheiras. E, a mais, o que quer que seja, não de affeminado, mas de feminino.

*Ha desgraçados, filha, a quem o isolamento
De tal forma exagera a angustia, que de bruchos
Sobre o escano dourado abafam os soluços,
Sem ter para chorar sombra de fundamento.*

*Eu, minha filha, sou um d'esses desgraçados:
Victima de mim mesmo, intimamente, tenho
Maguas n'ô sei de quê, não sei bem que cuidados,
E um mal que estudo em mim como se fosse estranho.*

N'estas duas quadra do *NADA* acham-se explicadas uma grande parte do feitiço espiritual e a preoccupação analytica do poeta. Chora como as mulheres hystericas, mas quer, o que ellas não fazem, estudar as causas do proprio mal.

A enfermidade de Julio Dantas, descripta por quem ao proprio cerebro faz a autopsia e procura a lesão, é identica á que amargura tantos dos que respiram miasmas nos grandes paues d'uma sociedade decrepita, apodrecida, descrente. Foi se a luz dos velhos ideaes que era sol que abria flores. Um nevoeiro baixo, pardo, frio, alastra-se, engrandecendo vultos misteriosos, miserias que passam, adejando pesadamente. Tudo isso é nada, e o titulo do livro escripto por um bello espirito de rapaz de vinte annos não é uma ironia.

Como os velhos românticos o poeta tambem vai chorar com a natureza. Mas não se queixa de que o arvoredo, as pedras, as aves, a enzinha bruta o não escutem. Vai regar com lagrimas as raizes das arvores, mas não vai pedir confortos. A's vezes até parece ter medo de ir incommodar quem é feliz.

*Como do ninho o tordo não vê céu,
De ouvir contar angustias tão escuras
Não vá elle cuidar que anoiteceu...*

Bem sabe que ninguem lhe dará resposta, que as arvores são mudas; mas é assim que elle deseja os confidentes, que nada digam, que tudo escutem.

*E vós quasi assim sois, enzinha bruta!
Meu coração, o mundo contrafez-m'o;
E' elle que a si fala e a si se escuta:
Quando vos falo a vós, falo a mim mesmo.*

Mas as folhagens verdes são orladas pelo ouro do sol; nos troncos ha musgos em tapetes, heras em festões; em cada ramo, passaros alegres cantam amores; as arvores são cheias de seiva e de saude. Não são confidentes para a sua dôr. E vai ao cemiterio e diz a um cadaver:

Vós tendes pôdre o corpo, eu pôdre o sentimento.

E conta ao cadaver as suas angustias.

*Falo-vos sem vos ver, meu grotesco defunto;
Um estofa broslado a oiro vos esconde:
Cuido que respondeis a tudo que pergunto,
E é minha alma, afinal, que a mim mesmo responde.*

Um affecto estranho, misterioso, nasceu-lhe pelo cadaver putrefacto. Escuta as

... palavras sem voz da verde podridão.

e vai pelas manhãs frias e nevoentas ao cemiterio sacudir a grade negra do tumulo, experimentar os gonzos ferrugentos. Apetecia-lhe velar aquelle cadaver de joelhos, até que as forças lhe faltassem, e grato áquella illusão de fraternidade, termina por dizer-lhe:

*Os meus sonhos de horror, a extravagancia realça-
m'os:*

*Então succudiria o vosso amplo caixão,
Porque me fazeis dô, corpo lavado em bálsamos,
Que ha tanto tempo estaeis na mesma posição!*

Illusões! Illusões! Ninguem o escuta; escusa de procurar amigos ou companheiros. Ninguem lagrimas lhe traz, lhe traz conforto. E então canta o seu egoismo n'uma das mais bellas, comprehensíveis e sentidas poesias que existem em lingua portugueza. Aquelles tercetos são um primor de arte, o cantico sublime da Tristeza. E' uma ironia o titulo com que o poeta se quiz castigar d'aquelle desabafo consolador.

Continúa o egoismo a falar, mas mudou de nome. A Dôr é como se chama agora.

*Por causa d'uma culpa este tormento!
Quando afinal a culpa rebalsada,
Como tudo no mundo, pára em vento!*

A Dôr é que é tudo; a mesma causa produz em differentes espiritos, effeitos differentes. Que philosophia n'estes dois versos:

*Pelas lagrimas, não pelas desgraças,
Podemos conhecer os desgraçados!*

Em outra poesia nos diz elle:

*Não vem do exterior o nosso mal composto:
No modo de sentir e no temperamento,
E' onde existe todo o livido desgosto
E onde vive, tambem, todo o contentamento.*

E' um livro completamente subjectivo. O pessimismo do auctor não o leva a examinar a alma dos outros, irmãs das suas. Causas e effeitos em si mesmo encontra; estuda aquellas, descanta estas.

*Mas não cuideis sarar-me, ó meu amor! procura
Dar-me angustias, morder-me o escuro pensamento:
Eu quero ao menos vêr se tôpo uma amargura
Onde as lagrimas d'alma encontrem fundamento!*

A miseria em que vive rodeia-a o poeta das mais opulentas e fantasticas riquezas, engastando em oiro as podridões, gostando de as fazer sobresahir em scintillantes molduras, como tela de Goia, obra prima n'um museu. São forcarettes de brocado d'oiro, que tombam em volta do estrado em que se assenta para chorar; os corpos das virgens desmaiam entre olandas e brocados; scisma e rasga o peito entre os lavores d'oiro do laquear e velhos alparluzes; cobre-lhe os pés do leito das insomnias uma velha brochasa em tela d'oiro; e não ha cadaveres que não apodreçam embrulhados em rendas, sob veludos bordados.

E' a miseria na grande cidade, a miseria na grande opulencia. Por isso um cadaver nu, na mesa das autopsias, o deixa sereno, e o defunto amortalhado lhe enche os olhos de lagrimas.

*São então o burel, a almáfega, o brocado,
Que postos sobre um morto impressionam tanto?*

E muita vez assim acontece na rapida leitura d'aquelle livro, que dois versos, aqui, ali, se encontram, que o resumem, que o explicam.

O espirito do poeta está em continuo desasociego.

*Como um fumista novo e que por dandy fume,
Muda constantemente a marca do tabaco,
Não pôde aturar sempre o meu espirito fraco
Nem a mesma mulher, nem o mesmo perfume.*

Explicado este mal-estar e o meio que inspirou aquellas poesias, o livro de Julio Dantas é completo, formando um todo unico, não feito de versos escriptos ao acaso, segundo a inspiração do momento e arrebanhados depois, a custo, na gaveta dos papeis velhos.

Este artistico intento de fazer um livro que fosse uma obra, levou, me parece, o auctor a escrever umas trez poesias que, completando o poema, julgo menos sinceras. São ellas o *Desespero*, os *Filhos* e a *Velhinha*.

O soneto XI do ultimo capitulo desmente-as.

*Talvez que um berço venha a este mundo,
Onde haja uns labios que te chamem mãe,
Uns olhos verdes que me chamem pae.*

E toda a ironia do soneto e do livro, não impedem a ternura com que este final tem de ser lido.

Julio Dantas é, além de tudo, um cultor de forma. Procurou os velhos moldes de poesia portugueza para n'elles vasar os pensamentos d'uma alma que soffre do mal da decadencia, o mal de agora. E é notavel uma coisa: quanto mais bella é a idéa, melhor, mais pura, mais impeccavel a forma lhe sahiu. A apologia do verso.

João da Camara.

A RESPOSTA DO INQUISIDOR

Na exposição do *Gremio Artistico*, de 1894, figurou um desenho a pastel, de Sua Magestade El-rei D. Carlos, inspirado na bella poesia de Gonçalves Crespo *A Resposta do Inquisidor*.

A obra de El-rei é digna da obra do poeta. Os personagens vivem n'aquelle quadro, como vivem na poesia de Gonçalves Crespo. Inspirou-os o mesmo sentimento, e o poeta teve uma feliz interpretação no artista, que tão utilmente emprega os ocios da sua vida de rei, cultivando superiormen-te a arte de Miguel Angelo.

E dando aos nossos assignantes a reproducção do quadro de El rei, reproduziremos tambem a poesia, uma das mais bellas que se tem escripto, na lingua de Camões:

Die ewige Gerechtigkeit zu shunen
Starb an dem Holze Gottes Sohn.
SCHILLER—D. Carlos, scen. IX, act. V

I

A sala, em que medita El-Rei, é silenciosa,
Apainelada e fria: o largo reposteiro
Ondula suavemente á aragem preguiçosa.

II

Á cathedra real um Christo sobranceiro
Magro, livido, nú, ferido, ensanguentado,
Exhala sobre o seio o alento derradeiro.

III

El-Rei medita e scisma, o seu olhar turbado,
O seu obliquo olhar, o seu olhar de fera
Vibra irrequieta luz, parece allucinado,

IV

N'isto á porta assomou a calva fronte austera
De um velho, e logo atraz um pagem que murmura:
«Eis o frade, senhor, que Vossa Alteza espera!»

V

Curvára, ao entrar, o monge a tremula estatura,
Mãos dispostas em cruz no largo peito ancioso,
E humilhada a cerviz na ascetica postura;

VI

E comtudo esse frade humilde e respeitoso,
De olhos fitos no chão, tão fragil como um vime,
Na presença de um rei, de um Cesar poderoso,

VII

E' fanatico e audaz: com mão de bronze opprime
O solio, a egreja, o lar, e os corações dos crentes,
Flagella a sombra e o amor, condemna a luz e o crime.

VIII

Quando elle vae passando, as timoratas gentes
Benzem-se com pavor, e param de improviso
As canções juvenis nas áleas rescententes.

IX

Nunca nos labios seus florira o alegre riso,
Cem annos tem, jámais beijára uma creança,
E eré subir talvez, morrendo, ao paraíso.

X

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França,
Paira como o sinistro espirito do Mal,
O negro inquisidor, feroz como a vingança.

XI

Sixto Quinto, o cruel, fizera-o Cardeal,
E a Hespanha poude vêr com assombroso espanto
Junto do rei-panthera, o inquisidor-chacal.

XII

E Philippe dizia ao frade no entretanto:

«Sentinella da lei, piedoso inquisidor,
«Tu que fallas com Deus, e és padre, e és bom, e és santo,

XIII

«Arranca-me este peso, affasta-me este horror,
«Ah! diz-me, cardeal, se é um vil, se é um precito,
«O rei que é justo, e mata o filho que é traidor...»

XIV

E mais não disse o rei, torvo, sombrio e afflicto.
No entanto o inquisidor erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lageas de granito,

XV

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
«O príncipe — e apontava o livido Jesus —
«Para acalmar dos céos a colera implacavel

XVI

«O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!»

Gonçalves Crespo.

O imperador Francisco José o archiduque Carlos Luiz, o successor do Imperio

A casa reinante, que hoje na Europa mais se impõe á admiração, é de certo a dos Habsbourgs. Conquistou sua preeminencia nas batalhas, em que houbrem as grandes paixões do século; conquistou-a igualmente por sua disciplina intellectual, não pouco, por suas extraordinarias desgraças. D'essa casa o maior vulto é o imperador.

Educado severamente para a suprema direcção de povos, imbuidos do sentimento liberal e da tradição historica das nacionalidades, nunca, vae em 48 annos de governo, o colheram despercebido as ardentes aspirações das duas Austrias, ou as internacionais da Alemanha. Os complicados problemas politicos do seu paiz os tem affrontado, de genio igual e rosto sereno, inspirando a todos confiança pela seriedade e inteireza do animo.

Ouvi no Ringh, a cidade nova que Francisco José mandou construir, as aclamações dos viennezes quando elle passava; ouviu-o em Buda-Pesth, quando presidia ás delegações dos dois congressos, e fallando aos húngaros na lingua magyar. Era escutado com adoração. E' homem alto, sympathico. Terá 66 annos. Mal se pode avaliar-lhe a expressão atrahente do semblante pelos retratos e bustos, que se encontram por toda a parte, nos estabelecimentos de Vienna. É necessario conhecer o seu riso fino, travado de grandissima bonhomia. Sorrindo, é o general Espinola do quadro dos lanças — a *rendição de Breda*, de Velasques, que está no museu de Madrid. E' a mesma figura, que a todos pede lhe perdõem a superioridade á conta do sorriso, que o torna humano. Tive a honra de ser recebido pelo imperador, em maio de 1890. São estas as lembranças que guardo de sua boa presença. Sabedor dos oito idiomas falados pelas nacionalidades, que vivem sob o sceptro dos Habsbourgs, o actual reinante, com propriedade e elegancia, conversa e discorre nas linguas allemã, magyar, techeque, polaca, croata, roumana, serba, e até na italiana. D'aqui, nas provincias austro-hungaras a immensa popularidade do illustre velho, de cujo reinno tragico o annaes ao século XIX conservarão a lembrança.

Em verdade, a ninguem mais do que a elle tem da do de rosto a fortuna, ou antes a Nemésis que se praz na presidencia das cousas humanas. Seu irmão, o infeliz Maximiliano, morreu fuzilado em 1864; a princeza Mathilde, filha do vencedor de Custozza, falleceu queimada em 1867; o herdeiro do throno, suicidou-se em 1889. Certo dia desapareceu João Salvador, o popular João Orth, misteriosamente, em o navio que com nandava; no anno de 1894, cuspido do cavallo, morreu o grão-mestre da ordem teutonica, o archiduque Guilherme; e, em 1895, caçando no bosque de Agnay, proximo de Arad, o archiduque Ladislau, atravessado por uma bala. Agora chegou a vez ao successor no governo do imperio, o archiduque Carlos Luiz.

Todos estes principes, que agora esperam no pantheon-sarcophago dos Capuchinos o seu illustre chefe, tinham a affeição sem do imperador. Maximiliano e Carlos Luiz, seus irmãos, haviam sido educados com elle. O archiduque Rodolpho, grande investigador das sciencias naturaes, era seu filho. Pelo que, o luto persistente do venerando monarcha fez o silencio na cidade, e de ha muito cessaram as festas e as recepções no Burg. Francisco José, porém, cuja saude nunca sofreu alteração, prosegue no cumprimento regular dos seus deve-

res de soberano. Retrahido no Shoenbrunn, d'ali sae todos os dias com cêdo para Vienna, onde, no palacio do governo, se devota por inteiro aos negocios do estado, ora trabalhando infatigavel com seus ministros, ora com seus secretarios.

No mez de setembro, vae isto em 25 annos, o imperador percorre as provincias do imperio; mas o pretexto d'estas viagens são as grandes manobras do outomno.

A Bohemia, que deseja uma constituição semelhante á da Hungria, e aonde se dirige primeiramente. E logo os vetustos castellos se illuminam, apparentando a vida. Em Praga vae residir no velho palacio do Hadschin, que conta cinco seculos de existencia, e cuja enorme grandeza só é comparavel á de Mafra ou á do Escorial. É uma habitação historica, onde, desde 1848 a 1875, viveu afastado dos negocios politicos o imperador Fernando, e onde o archiduque Rodolpho residiu durante os dois primeiros annos do seu casamento com a archiduqueza Stephanía, hoje viuva. Ahi foi educada a rainha regente da Hespanha.

N'estas digressões, o pessoal das cosinhas do Burg seguem o imperador; e, todos os dias um jantar de 80 talheres reúne a velha aristocracia da Bohemia, em volta dos *salmis de gibier*, e dos vinhos velhos do Rheno. Mas, ou no palacio do Hadschin, ou nas casas aristocraticas de Praga, ás dez horas termina a festa; e, debalde o conde Oslwald de Thun, os Wallenstein, ou o conde de Waldstein exhibem sua opulencia — os quadros da escola flamença, as curiosidades da guerra dos trinta annos, as velhas recordações de illustres parentes; debalde. Taes exposições duram um momento. Os heraldicos palacios concorridos ás 8 horas, ficam desertos ás 10. Todos os da alta roda ahi vão para constatar sua presença; ninguem se diverte, mas é grande praser contar depois que se esteve lá.

Ainda que, n'esta parte importante do imperio, seja forte e disciplinada a opposição ao governo de Vienna, o imperador é sempre aclamado e victoriado. Em 1890, a opposição chegava até a ser anti-dinastica. Não obstante a presença de Francisco José reaccende o entusiasmo das populações; e quando se mostra em qualquer cidade, comboios especiaes levam-lhe de todas as partes os habitantes dos campos, que desejam aclamar-o. O que succede na Bohemia, succede por igual na Galicia, e no Tyrol. Nenhuma outra provincia lhe é mais dedicada que a Galicia, a patria dos seus subditos polacos: ahi a sua visita, é litteralmente um continuado triumpho. Nem admira. A tolerancia, o genio politico do imperador deu aos polacos direitos eguaes aos restantes cidadãos do imperio; e hoje elles representam importante papel nas assembléas deliberativas. Nada se faz sem elles.

No Tyrol austriaco succede a mesma coisa. Minado pelo *irridentismo*, ainda que lá se fale a lingua italiana, e a raça seja latina, são dias de festa e de aclamações, aquelles em que o visita Francisco José. Porque é tudo isto? A razão é simples. Posto que o imperio austro-hungaro seja uma amalgama de diferentes linguas e de diversas raças, todos consagram profunda veneração, sympathia e respeito ao homem que é o actual reinante. O imperio é elle. É extraordinario este facto, presenciado pelos viajantes e diplomatas, contado pelos historiadores. O unico homem popular da Austria — é o imperador. Debatem-se as paixões, insultam-se e combatem-se os partidos, a imprensa, não raro, lança o fel azedo de suas invejas e odios no meio das coisas mais santas, ou das comicças e risíveis — nunca, uma só vez foi discutido Francisco José. A veneração pelo robusto velho é enorme é quasi um culto. Tantas desgraças, tantos azares da fortuna adverse, tantos acontecimentos o experimentaram e combateram de seu gelado sopro, que a grandeza dos seus infortunios o sanctificaram na opinião. Elle, succede o que succeder, jámais deixa o seu posto de combatente; ou na fortuna prospera ou contraria, viram-n'o sempre, o primeiro, a frente da nação, veñido muitas vezes pela sorte, nunca em desanimo. Naufragó de collossaes tempestades, conserva-se de pé. E' a primeira figura do seu paiz, e a historia que deixará morrer Bismarks e tantas testas coroadas, ha de erguer-lhe a grande estatua, que se intitula — *A justiça da posteridade*. Quando elle morrer, o illustre ancião, é possivel que se separem as raças, que se embatam as linguas, que se formem diferentes nações; faltará a tantas gentes reunidas pelo prestigio de um homem a cohesão, a adhesão, o laço commum. Enquanto elle viver, não; pois tem o coração do homem intrepido, que, no dizer de Horacio, deve ser guarnecido de carvalho e tres camadas de bronze, — *robur et aes triplex*.

(Continúa)

Conde de Valenças.

POMBEIRO DA BEIRA

TRECHOS DE UM LIVRO RECENTEMENTE PUBLICADO

O TÚMULO DE MATHEUS DA CUNHA

Ao terminar a resenha da igreja, compete-nos agora falar do mais valioso padrão historico de Pombeiro, o túmulo de Matheus da Cunha, collocado ao lado direito da capella-mór e engravado na respectiva parede, a meio de um arco de cantaria.

Ao centro da cavidade, formada pelo arco, figuram dúplos escudos com as armas sobrepostas a uma régua ou moldura de pedra. Em baixo, entre as extremidades do arco e sobre a tampa do sarcófago repousa a estatua jacente do historico fidalgo, cuja cabeça descansa em duas almofadas de pedra de Ançã, de que é feita a figura, em tamanho natural, vestida de armadura com a sua cota de malha e longa espada ao lado.

Na frente do mausoleu, vê-se o anjo da fama, de azas abertas, em meio relevo, segurando nas mãos um pergaminho desenrolado, onde se lê o seguinte, em caracteres goticos:

AQUI JÁZ O MUITO ESFORÇADO E
ESTIMADO MATEUS DA CUNHA
SENHOR QUE FOI D'ESTA VILLA
E TERRA DE POMBEIRO; O QUAL
NOSSO SENHOR TENHA EM SUA
SANTA GLORIA. AMEN.

Aos lados do anjo, vêem-se dois escudos eguaes aos primeiros, com as respectivas armas, que são:

Escudo partido em pala. A primeira com as armas dos Cunhas — em campo de ouro nove cunhas de azul, postas em tres palas; a segunda, cortada em faixa, tendo na primeira as armas dos Portugaes — em campo de prata, cinco escudos de azul com as quinas do reino, sem a orla dos castellos; e na segunda as armas dos Guedes — em campo azul, cinco flôres de luz, de ouro.

A base do túmulo assenta sobre dois leões deitados e tres cabeças do mesmo animal, uma ao centro e duas lateraes.

No chão, occupando tódo o comprimento do túmulo, está uma campã rasa, tendo a meio o mesmo brazão, e em roda uma inscrição, que já mal se lê, dizendo ter sido ali sepultado o padre F. da Cunha, priór da Sanguinheda, em 7 de maio de 1564.

Seguindo o destino vandálico dos objectos da igreja e das antiguidades pombeirenses, este monumento servia, ainda não ha muito, para depósito de milagres de cêra, castiças e objectos velhos, de que resultou a damnificação da estatua, a que faltavam o nariz, um pé, parte de um joelho e um bom bocado da espada, depois de ter sido quebrada pelas pernas, juntamente com a tampa e a sepultura rasa do padre, no tempo da invasão dos francezes, que em toda a peninsula praticaram muitas heroicidades eguaes, para se apoderar das joias e alfaias ricas, com que era costume sepultar os fidalgos.

Meia tampa, rôta por tódos os lados, estava desigualada como a da sepultura rasa, os leões meio esmurrados oscilavam por desempedrados e o monumento em geral necessitava de prompta reparação.

Doendo-nos semelhante ruína, que ameaçava a melhor reliquia heraldica historica da localidade, conseguimos permissão para a restaurar, á nossa custa; o que não tóu facil tarefa em terra onde tudo falta.

Como era natural, começou-se o trabalho por levantar a meia tampa, que brutalmente tinham feito apoiar em duas cunhas de castanho, desnivelando-a completamente, e tratou se de a fazer baixar ao nivel da outra metade; o que demandou bons esforços, sendo preciso debastal-a interiormente para a fazer ajustar, com os restos da estatua, partida pelos joelhos.

Nessa occasião, como tambem era naturalissimo e do nosso dever procurámos conhecer o que haveria lá dentro da depredação franceza e dos restos mortaes ali depositados, ha cinco séculos e tanto.

Com surpresa nossa, julgando encontrar simplesmente o pó venerando d'esses restos, vimos em mistura, evidentemente devida á profanação da soldadesca franceza, os ossos das tibias e femur de um individuo corpulento, pedaços do craneo esfacelado e as queixadas com alguns dentes claros e bem conservados!

A nossa surpresa cresceu ao descobrirem-se bons restos do caixão, de que nem os resquícios deveriam existir; examinada uma das tábuas, viu-se que era de excellentes cerne de pinho, e por

aqui se póde avaliar a superioridade excepcional d'essa madeira.

Que daria causa a esta conservação, cinco vezes secular, de objecto vegetal e restos humanos?

Seria a drenagem estabelecida pelo ar, através dos buracos e feidas do túmulo?

Isto porém opõe-se á teoria de que os objectos hermeticamente fechados são mais susceptíveis de conservação.

Poder-se ha pensar em essencias proprias de embalsamento?

Não nos inclinamos a crêr n'isso. Em todo o caso, apraz nos registar o facto, como fenómeno, ou simples curiosidade, se assim o quizerem: e muito nos captivou a certeza de que as cinzas venerandas do senhor de Pombeiro não tinham mudado de sitio, e continuariam a repousar tranquillias e devidamente resguardadas.

D'essa certeza e da restauração, que fizemos, adveiu-nos a satisfação, que todos devem sentir na pratica de uma boa acção. E isso nos basta, como unico louvôr e compensação, que tivemos.

Sanches de Frias.

MULHERES HESPAÑHOLAS — A MAJA

É difficil dizer ao leitor, com uma certa probabilidade litteraria, se a *maja* é um typo de mulher hespanhola ou se constitue um costume proprio de trajar, restricto a uma classe. Em verdade, não sabemos se os variadissimos typos egualmente formosos das mulheres de Hespanha tem como trajo susceptivel de se generalisar aquelle que se representa na figura da nossa estampa.

Na serie de typos de mulheres hespanholas que, no bello estudo *Les Femmes de Espagne*, algumas vezes já referido n'este periodico, nos indica o brilhante escriptor Garcia Ramos, não encontramos a *maja*, o que nos leva a suppôr ser pois, como dissemos, um vestuario caracteristico e não um typo ethnico como os demais.

E que a Hespanha abunda n'esses requintes de fato, são prova evidente aquelles que, não acompanhando nenhum typo especial, são usados indistinctamente.

A provocante *manola* e a graciosa *maja* são certamente trajos para passios e funcções. A *los toros* dizem forçosamente essas ardentes filhas de

que merece um dos melhores superlativos de vastidão. Refiro-me aos arcos de cantaria que sustentam os aqueductos reaes, que de algumas leguas de distancia conduzem a agua para esta cidade. Onde se poude nivellar o terreno fizeram-se os aqueductos com despeza mediocre, mas, onde foi mister passar as aguas de uma montanha para outra, tornou-se necessario construir-lhes uma via; e a esse fim se erigiram os arcos, aqui mais altos, alli mais baixos, conforme a maior ou menor altura das montanhas. Os que atravessam o valle de Alcantara são os que merecem o dito superlativo, porque debaixo do arco grande passaria um navio de guerra com as velas soltas, tal é a altura e a largura d'elle. Imaginae que columnas devem ser as que sustem um arco d'aquelle tamanho! Não tendo por infelicidade o meu pé (*medida*) no bolso, medi-o com o meu espadim, e achei que de um lado tem de largura tres vezes e meia o meu espadim, e do outro quatorze e meia, e, quanto a altura, como disse, não ha mastro de navio que lá chegue. Todas as columnas, hem como todo o aqueducto, são de pedra mais bella e mais marmorea do que essa que



O ARCHIDUQUE CARLOS LUIZ DA AUSTRIA-HUNGRIA
FALLECIDO EM 19 DO CORRENTE



O ARCHIDUQUE FRANCISCO FERNANDO
HERDEIRO DO THRONO DA AUSTRIA-HUNGRIA

Vid. artigo O Imperador Francisco José etc.



AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DA ILHA DA MADEIRA

Por mais de uma vez tem o OCCIDENTE publicado gravuras referentes á Ilha da Madeira e artigos descriptivos e historicos d'esta formosa ilha, a principal do archipelago do mesmo nome e a primeira d'escoberta dos portuguezes no século xv.

A gravura que hoje publicamos, copia de uma photographia do sr. Camacho, mostra o aspecto da ilha pelo lado norte, vendo-se a cidade do Funchal no fundo do quadro.

É soberba a vista d'este jardim no meio do Oceano, encanto de quantos o visitam, nacionaes e estrangeiros.

Eva, meneando o rosto formosissimo. O *bolero da maja* e a mantilha da *manola* são os seus distinctivos. Se o nosso leitor apenas souber tanto acerca das encantadoras hespanholas como o auctor d'estas linhas, pode distinguil-as pelo bolero e pela mantilha.

Devemos acrescentar que a nossa gravura representa um busto gracioso, obra lindissima de um distincto esculptor. E, embora os artistas muitas vezes exagerem a riqueza e a formozura, tornando ideaes os seus modelos, podemos affirmar que não será difficil encontrar no meio-dia da Hespanha uma *maja* tão seductora, tão graciosa e elegante como a de esse busto.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baretti, traducidas do italiano

IX

Lisboa, 7 de setembro de 1760.

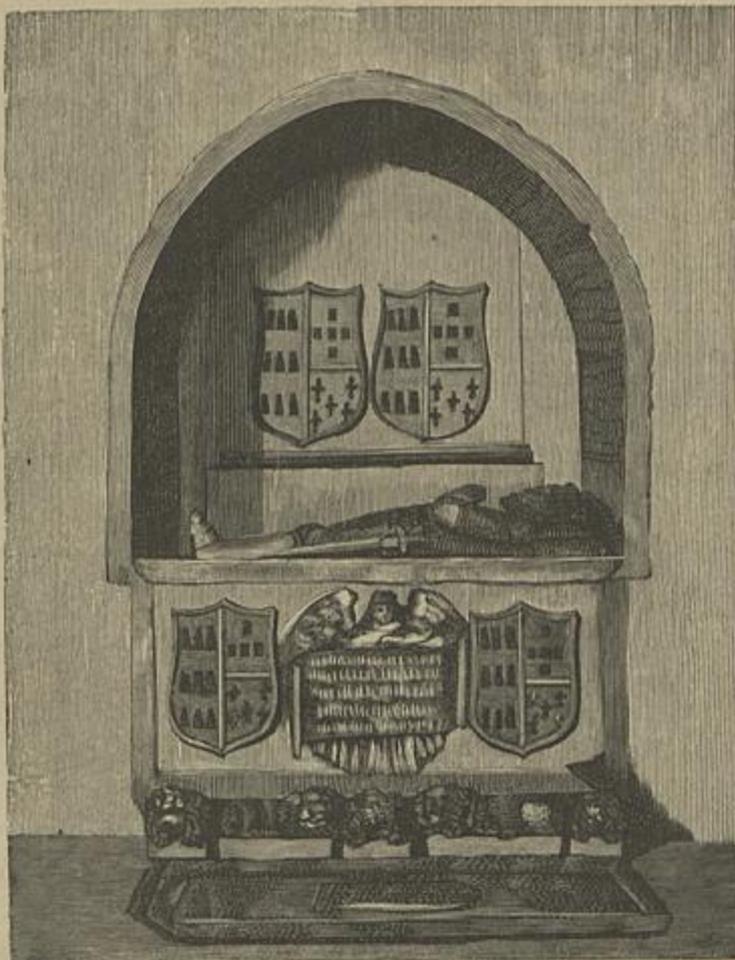
Hontem vos falei de uma fabrica que um dia será uma grande cousa. Pois hoje direi de outra

os francezes denominam pedra de talhe, e a que nós chamamos pedra de moinho, e toda foi extrahida de pedreiras que, por fortuna, não ficam muito distantes do logar onde havia necessidade d'ella. Os arcos sustentam uma architrave muito massica que vae de uma a outra montanha. Ao longo da architrave, pela parte de cima, ha dois murosinhos, e entre elles uma certa passagem coberta onde cabe uma pessoa, e a agua corre de uma banda e de outra por dois canaes, se não me engana quem me dá estas informações, porque eu estive sómente debaixo do aqueducto, e não em cima. De espaço a espaço, ha sobre a architrave umas torrinhas, cúpulas, ou antes capellinhas, que servem para entrar o ar e a luz na referida passagem coberta, e que acrescentam muita graça e magnificencia a toda a fabrica, que não foi muito damnificada pelo terremoto. Despeço-me do aqueducto de Alcantara juntamente com o meu dono de casa e mais dois filhinhos seus, que levara na minha companhia para tornar o passeio mais agradável, e mettemos de novo a pé pela estrada de Lisboa. Mas, ao sahirnos d'aquelle valle succedeu-nos um caso muito mau, que me deu opinião pouco favoravel dos costumes d'este paiz. Foi encontrarmos cinco ou seis

bem encapotados portuguezes, que vinham para cima quando nós iamos para baixo, e tanto elles como nós tirámos o chapeo, por ser esta aqui a usança de toda a gente, quando se topa em logares pouco frequentados. Trocada a reciproca cortezia, os nossos embuçados *fidalgos*, deixaram-nos ir para deante, e depois, voltando-se todos, e rindo ás gargalhadas, começaram, como outros tantos macacos, a gritar e a fazer muito escarneo, a chamar-nos por nomes muito extranhos e a proferir as mais torpes villanias do mundo, porque nos tinham ouvido falar inglez. Se a cousa não passasse de palavras, vá lá; não me teria mais lembrado d'isso dois minutos depois, estando acostumado em Londres a soffrer expressões injuriosas e infinitas maldições da fera canalha, principalmente nos primeiros annos, e antes que pudesse, falando o inglez, passar por natural do paiz. Mas a canalha portugueza tem a primazia sobre a ingleza, porque, vendendo-nos aquelles encapotados mariolas seguir o nosso caminho sem fazer caso dos seus gritos destemperados, começaram a atirar-nos pedras que, de uma vez, choveram bastas como saraiva. Imaginae que lindo divertimento para um poeta que precisa de assestar um par de oculos sobre o nariz para ver os homens, quanto mais as pedras, para um velho hospedeiro, que tem sete cruzeiras ás costas, e para duas creanças de nove a dez annos. Uma d'estas apanhou uma pedrada na cabeça, que pela grossura de dois dedos lhe não partiu o craneo; e, se não fossem uns cavalheiros, que, ouvindo a bulha, sahiram de uma quinta proxima a reprehender aquelles cães ruins, e a correr ao seu encontro, acredito piamente que nos teria succedido algum mal, por não termos alli nem espingardas nem canhões para defendermos a praça contra um ataque tão repentino e tão valoroso. Ora vêde que christãos devem estes ser, sem sombra de motivo procuram matar-nos ou estropiar-nos por mera diversão! Todos os estrangeiros com quem tenho falado me dizem muitas mil cousas más d'esta plebe, e como ella costuma assassinar ás facadas, e de qualquer outro

modo ainda melhor, a todos aquelles que não teem cara de judeu ou de mouro, como elles teem; e eu, vendo-os muitas vezes tão respeitoses e promptos a tirar o chapéo a quem quer que encontram em parte algum tanto remota, assim

eu tenha de concluir, com razão ou sem ella, que a plebe portugueza é a peor da Europa, sei que, como cidadão do mundo e membro d'essa grande sociedade que se chama o genero humano, muito me ha de custar se a experiencia



TUMULO DE MATHEUS DA CUNHA — SENHOR DE POMBEIRO

Vid. artigo Pombeiro da Beira



UMA VISTA DA ILHA DA MADEIRA

(Cópia de uma photographia)



durante a minha breve estada aqui, vier convencer-me de que ha pouca desproporção entre os que constituem e os que não constituem a população em Portugal; a qual desproporção muitos pretendem fazer-me crer que não é grande. Comtudo, ella existe em grau extremo na Inglaterra, onde geralmente o povo é brutal, e prompto sempre a dirigir más palavrás a todo e qualquer que não tem aspecto de inglez; e depois a gente que tem alguma educação, pouca que seja, é cordeal, de bom trato e muito hospitaleira, e os gentishomens e os nobres, considerados em geral, são, a meu ver, a nata-da Europa, já por bondade, já pela elegancia das maneiras. Deve de haver tambem em Portugal alguma differença grande entre os graus extremos, pois estou certo que, se encontrasse cinco ou seis condes e marquezes no valle de Alcantara, não me apedreariam; mas, pelo que me dizem os rostos de muitos livros portuguezes que tenho tido nas mãos, e dos seus auctores mais estimados, o comparar a litteratura estampada n'esta lingua com a italiana, a franceza e ingleza seria o mesmo que comparar funchos com cyprestes e Polichinello com Hercules; e, onde a litteratura não está em voga e espalhada aqui e acolá n'uma nação, esta deve ser, quasi por necessaria consequencia, depravada e cheia de vício e de barbarie, e os seus individuos, uns mais outros menos, devem obrar mais materialmente do que os habitantes de outras nações que se tornaram cultas pelos seus muitos philosophos, muitos poetas e estudiosos de todas as cousas. Alguns modernos sabichões de vista curtissima, mas de immensa presumpção, vão diffundindo uma sua doutrina pobrissima, que consiste em persuadir os mais que, se os homens fossem entregues somente ao simples guia da sua razão natural, facilmente seriam melhores do que são. Estes teem sempre prompta alguma piada, não quero dizer para aquelles que estudam os livros sagrados, porque não pretendo agora remontar muito alto o discurso; mas para todos os ministros de Minerva, que por diversos modos buscam beneficiar o mundo com os seus estudos; e zombam de quem derrete os miolos nos antigos escriptores gregos e latinos principalmente, que foram, são e hão de ser sempre as fontes mais puras do saber humano, e os mais poderosos antidotos contra a ignorancia e contra a inhospitalidade e a barbarie, suas dilectissimas filhas. Mas porque não vão aquelles senhores doutores residir n'aquellas partes da America, onde nenhum auctor grego ou latino foi jámais lido, e onde a gente anda nua pelos bosques e selvas, chacinando-se reciprocamente, e ás vezes comendo-se, cosidos ou assados, depois da chacina, conforme os sabios preceitos da sua infallivel razão natural? Ou porque não vem suas empantufadas senhorias visitar ao menos o aqueducto de Alcantara, onde se encontram homens que, como suas senhorias, desprezam o grego, o latim e toda a especie de litteratura, e por divertimento e brincadeira apedrejam os forasteiros, segundo as judiciosas suggestões do seu entendimento, que a natureza tornou claro e brilhante? Ainda me lembro de que ha quinze ou vinte annos vivia um grande ministro de estado, que queria aniquillar certa universidade n'uma certa capital, porque, dizia elle, nem a eloquencia, nem a philosophia, nem a theologia nem a poesia nem nenhuma outra sciencia faz crescer o trigo nos campos, e basta a só razão natural para que um ministro de estado seja um bom ministro de estado. Sabereis vós dizer-me, meus irmãos, contra quem é dirigido este ultimo bote? Adivinhae-o, e no entanto por aqui me cerro esta noite. Adeus.

Alberto Telles.

HYPOCRATES DE RABICHO

(Concluido do n.º 626)

Os recursos therapeuticos de Ua Uong não ficam aquem das suas theorias physiologicas em variedade e originalidade, e nada deixarão de certo a desejar, ainda aos mais exigentes. — Ora oiam:

A carne do ganso e a da galinha communicam vigor ás entranhas: cal, pelle de burro e ninhos de passaros constituem um calmante; casulos de bicho de seda, lagartos (sarapintados de vermelho) torrados e estalactytes acceleram a circulação do sangue; concha de tartaruga, leite de mulher e carne de porco promovem a transpiração e actuam como depurativos; gesso, pelle de veado, carne de cão e avelãs fortificam os rins; semente de lodão e noz muscada são tonicos; casca de romã, conchas de ostras e ossos de dragão, pulverisa-

dos, tem acção adstringente. Com quanto o dragão só exista na imaginação dos chins, não cuide o leitor que os eximios doutores eór de cidrão se restringem a incluí-lo no seu vasto receitaurio: vão mais longe, vendem, ainda que por elevadissimos preços, ossos, dentes, fel e sangue de dragão.

A anemia e a chlorose encontram remédio efficassissimo na limagem do ferro, combinada com magnesia, oiro e prata, em laminas; cebolas e pedvides de laranja tem poder refrigerante; aranhas, escorpiões, centopeias, grilos, cobras pretas esfoladas e a pelle de varias serpentes, ossos de tigre, etc., combinados com almiscar são outros tantos especificos para os flatos; sementes de rabãos e cascas de melancia constituem efficassissimo vomitorio; estanho, ambar e favas seccas são emollientes; cravinho, mica amarella e raspa de bambú curam ingurgitações de qualquer especie. Um dos mais activos purgantes receitados pelos mestres chins é do theor seguinte: melancia, raspa de bambú, cascas de marisco, perolas e agua quente. Não é menos efficaz est'outro:—peonias migadas, folhas de amoreira, raspa de veado e dente de rhinoceronte pulverisado, sendo preferivel o da femea, a abada.

Na China, hoje ainda, tal qual como na epoca remota em que por lá viajava o afamado Marco Polo, receitam os medicos a carne de c. ocodilo como especifico para a hydrophobia.

Entre os innumerados elementos heterogeneos e extravagantes que opulentam a pharmacopeia do chim, citaremos ainda os seguintes:—pelle de elephante, barbas de bóde, moscas pisadas, azêbre raspado das caldeiras velhas, caroços de pecego, ameixas, assucar, leite de cadêla, charão moído, marmore vermelho e marfim redusidos a pó; gengibre, sapos, minhocas, pesunhos de porco, rãs, resina, garras de leão e de tigre. . . A salamandra não occupa lugar menos importante na botica chinesa do que o dragão seu parente, e é remédio sem equal na dyssenteria das creanças. A caveira humana, o fel do urso são medicamentos infalliveis em certos casos desesperados.

A preparação de certos e determinados cosimentos depende muito do combustivel com que o boticario alimenta o lume das suas fornalhas. Para alguns só se emprega a lenha de bambú; outros ha que não dispensam a de amoreira.

Mestre Ua Uong, quando tem de receitar qualquer das suas drogas e aguarellas, faz, practicamente, um calembourg,—qual aguarellista, tira da cinta o seu pausinho de nankim e desfaz a tinta, com agua, sobre um ladriinho preto. Depois, com um pincelinho de barbas de gato, atira, ás pinceladas, as suas fantasticas letras garrafas sobre uma extensa e alentada tira de papel. Quando acaba de escrever, assesta, não sei por que prodigio de equilibrio, as enormes cangalhas redondas no seu quasi imperceptivel nariz mongólico, e lê cuidadosamente seu escripto, a meia voz, em fanhosa e monotona cantaróla; virando-se, depois, para o enfermo. A' medida que vae apontando, successivamente, com a enorme unha preta do dedo indicador, para cada um dos angulos jeroglyphicos, passa a explicar á pobre victima, cantarolando com uma voz de sovelão, tão estridula e aguda que os nervos do ouvinte vibram tal qual as cordas de um rabecão,—passa a explicar, repito, o que nem o proprio demonio poude jamais entender:—as influencias transcendentales de Yin e Yang, as dos varios elementos, e as celestias; o poder das córes e o das forças sobrenaturaes:—a acção dos espiritos malignos—bruxedos, feitiços, etc. e tal. . . e termina o vasto corolario explicando a forma porque devem actuar os diversos medicamentos, formulados na sua receita.

Ua Uong, caso alias commum entre os medicos chinezes, accumula as funções de pharmacutico. Assim que lê a receita ao enfermo, fecha-se no seu laboratorio, onde elle proprio a vae aviar—o que, hão de confessar, não deixa de abrir margem a certas duvidas. A estupenda variedade, a atombrosa quantidade das drogas que figuram na mais insignificante receita de qualquer medico chinez, não raro vem despertar no animo dos enfermos menos crédulos a desconfiança de que, Ua Uong, o facultativo, e Ua Uong, o boticario, podem muito bem andar mancomunados, com o fim exclusivo de lhe aliviarem as algibeiras—e que Ua Uong, o doutor, receita sempre medicamentos dispendiosos ou superfluos, com a mira nos interesses de Ua Uong, pharmacutico. Sim!—que o primeiro faz sempre o caso, mais feio, e o ultimo carrega as dózes, a beneficio da dupla entidade. D'este estado de desconfiança resulta a repetição constante d'um facto, que só na China se poderia dar. Lida pelo medico a receita, Ua Uong e os seus clientes encetam desde logo um debate, mais ou menos rijo, acerca da necessidade mais

ou menos urgente de certos medicamentos dispendiosos; discutem e regateiam encarniadamente o preço das drogas; a familia vem tomar activa parte na contenda, e todos á uma insistem energeticamente com o doutor para que receite de novo remedios mais comestinhos e baratos. As mais das vezes a coisa não fica por aqui, a receita vae passando de mão para mão, e cada um dos circumstantes, por sua vez, e com toda a sem cerimonia, vae supprimindo a droga, ou drogas, cujo custo lhe parece exorbitante. Ua Uong, ja se vê, protesta contra tão summaria e impertinente censura, zanga-se, (ou finge), guincha com o seu bello contralto de perú, allega que, assim disimada, a sua receita perde toda a efficacia—até que enfim acabam por se entenderem, e lá se accommodam os censores, na esperanca de que o doutor lhes faça um razoavel abatimento.

Afim de que possamos apreciar, em todo o seu alcance e no justo valor, a medicina chinesa, cumpre declarar que, á semelhança do que succede na Europa, ella abrange diversos systemas, entre os quaes convem citar, como mais importante, o tratamento dos doentes por meio da hydrotherapia. Os medicos da agua fria, tem á sua disposição nada menos de 300 especies de agua, cuja medicinal efficacia é variadissima. Emprega-se, exclusivamente, em determinados casos, agua que choveu em noite de luar; outras vezes só pode adoptar-se a que cahiu em manhã de nevoeiro; havendo achaques que só devem ceder á acção de agua tirada da nascente, em certos dias do anno, ou a certas horas do dia—e assim por diante. O mais repelente de todos estes elementos de cura, é sem duvida a *agua de cadaveres*, a qual é recommendada como especifico para o tratamento da loucura.

Para obterem tão precioso medicamento, collocam dentro do ataúde, na occasião em que o defuncto é enterrado, uma vasilha. Decorrido um certo tempo, desenterram o ataúde, e a agua que se encontra na vasilha passa a ser um remédio para uso interno. Quando se renovam as aguas, nas pias dos pórcos, a agua suja é cuidadosamente reservada, por ser efficientissimo remédio contra as mordeduras das cobras; e tambem se receitam para uso interno, afim de combater a acção de bichos peçonhentos, vermes, etc. A agua em que deitam de molho certas especies de calcario é muito recommendada tambem contra as mordeduras de reptis ou de bichos peçonhentos. A agua da chuva recolhida ao relento, em alguidar, é remédio sem par para os diabéticos. O vapor condensado da agua em que cose o arroz é receitado para o tratamento da phtysica, e é tambem optimo para fazer crescer o cabelo. Aguas estagnadas nos atoleiros dos caminhos curam os padecimentos cutaneos das creanças, e se fôr recolhida em estrada ou azinhaga onde haja muito transito de gado vaccum e cavallar, havendo cuidado em que só se vá buscar no dia 5 do quinto mez do anno, será remédio mirífico para cirros e ulceras cancerosas. Para tumores intestinaes é remédio infallivel a agua em que tenham vivido cobras durante certo e determinado praso.

E' optimo remédio para ophthalmias, e ainda outras doenças dos olhos, a agua da chuva, apanhada ao luar com um espelho em cuja superficie venham, durante a operação, reflectir-se os raios da lua. A cacimba recolhida em noites de lua cheia, empregando-se o mesmo processo do espelho, é bom remédio interno para casos de alienação mental, fraqueza do cerebro, e febres das creanças, etc.

Lançamos uma rapida vista de olhos sobre a sciencia medica do mais antigo povo civilizado, de quantos habitam o orbe terraqueo. Ouço rir, e não ousou associar-me á gargalhada. Eu disse, ha pouco, que encontrara, no consultorio do mestre Ua Uong, quatro interpretes, que ali não estariam, de certo, se a necessidade urgente da sua presença, n'aquelle lugar, se não fizesse sentir fortemente—um d'elles era meu compatriocio, e como tal o caso interessa-me mais directamente.

Vi tambem Ua Uong interromper apressadamente a consulta e metter-se n'uma carruagem que rodou, a grande velocidade, na direcção do bairro aristocratico. O verão passado, andando eu, um certo dia, a entreter tempo pelo caes, encontrei de cara a cara um lavrador, alemão como eu, da minha terra e meu antigo conhecido. Desembarcára de um vapor, n'aquelle mesmo instante. O encontro foi para mim verdadeiro alegrão, mas que bem pouco durou—reparei que o meu pobre amigo trazia estampado na physionomia o sello da morte, e d'ali a nada, teve um ataque de tosse, tão violento e afflictivo, que me confrangia ouvil-o. Viera á capital, e emprehendera uma viagem maritima de dois dias, de proposito para con-

sultar mestre Ua Uong, e por mais reflexões que lhe fiz, não houve meio de o dissuadir: insistia em se entregar nas mãos do famigerado medico chinês.

Acompanhei-o a casa de Ua Uong.

Terminada a demorada consulta do pulso, o doutor amarello exclamou: — Sim, sim! você está muito doente, e se o está é porque os seus medicos não lhe deram com a causa do mal, os medicos brancos percebem lá d'estas doenças! ? Ande' lá, que ainda lhe acudi a tempo; hei de pô-lo bom, deixe estar. Em bebendo a dose toda d'um certo chá que eu lhe vou já receitar, está salvo! Nem tem que tornar cá outra vez, verá! — Ao som d'estas palavras, lá foi impingindo ao credulo do lavrador um pacote do tal chá, coisa promptamente e com gosto.

Dois mezes não eram passados, acompanhei o meu pobre amigo á sua ultima morada.

E ora ahí tem o leitor, porque é que eu, ind'agora, não tive animo de me rir.

Pin-Sel.

ALBERTO BRAMÃO

(CARTA AO DIRECTOR DO OCCIDENTE)

Meu querido amigo.

Antigo collaborador do OCCIDENTE, e obrigado a vivos agradecimentos pelas reiteradas deferencias, de que me é crêdora a amável Direcção d'esta revista, peza-me muitas vêzes que a importuna accumulção de trabalhos fastidiosos e o esmorecimento de devoção literária me não dêem muitas occasiões de contribuir, segundo minhas forças, pâra a collaboraçã da sua simpáthica fôlha.

Ao menos hoje, aproveitando raros momentos de ócio, proporciona-se me o ensejo de transmitir á sua revista a desprezenciosa noticia de um facto literário, que se me afigura digno de registro.

Refiro-me a um livro de versos, as *Phantasias* de Alberto Bramão.

Verdade é que a noticia d'esta publicação percorreu já, e vistosamente, a longa fila das gazêtas noticiosas e politicas. Mas essas gazêtas vivem

um dia, quando não vivem uma só manhan como as rosas de Malherbe, e... *les morts vont vite*. Numa revista literária, como a do meu amigo, destinada a arquivos e colleccionadôres, a noticia persistirá por mais algum tempo, attestando um facto que faz honra á nossa literatura, e documentando o aprêço, em que um velho cultôr de lêtras tem um môço de provado talento e bom senso, duas coisas que, reunidas, vão sendo cãda vêz mais raras nos tempos que correm.

*

Como lhe disse, chama se *Phantasias* o livro de Alberto Bramão. E, antes de mais nada, escusado é talvez dizêr que eu preferiria *Fantasias*, não digo já por virtude do meu reconhecido affecto á mais racional simplificação orthográfica, mas porque a palavra deixou de sêr erudita, entrou no dominio da linguagem vulgar, e até o próprio Latino, que é insuspeito, só quer a observancia da etimologia para as palavras eruditas. Não é preciso citarmos o castelhano e o italiano que, embora linguas irmãs da nossa, proscrevêram sensatamente o *ph*; basta citar o francês, cuja orthografia, geralmente tão etimológica como absurda, transige neste caso com o bom senso, e diz *fantaisie*.

Deixemo nos porém de caturrices estêreis, e falemos do que mais importa.

Logo que se publicaram as *Phantasias*, raro foi o noticiaria, que não discretoou um pouco ácêrca de esthetica, e que não mergulhou profanamente os olhos na alma dolorida do poeta, encarecendo ou glosando os motivos de tal ou tal pagina, louvando ou discutindo a orientação artistica do poeta.

Estamos evidentemente numa época, em que tudo se julga convenção e cálculo. Os criticos da nossa terra têm pois alguma desculpa, quando afferem o poeta pelo estalão do commum dos mortaes. E' por isso que o velho tragico da *Castro* tinha carradas de razão, quando preceituava que

poetas por poetas sejam lidos.

Ainda assim, eu accrescentaria: *por poetas e por mulheres.*

Se há coisa que me tórça os nêrvos é ouvir falar de poesia quem nunca forjou um verso toleravel, ou quem, illaqueado pelas condições, boas ou más, da vida material, não pôde elevar-se á região estranha, vaga, incoercível, onde folgam ou onde se debatem angustiadamente os eleitos da poesia.

Tenho para mim que a esthetica, ou a philosophia da arte, pôde incidir sôbre os productos da poesia, mas nunca dará um poeta. Se o poeta, quando o é, traça á sua musa determinado itinerario, esbarra na convenção ou na prosa, e não chéga á Kaaba santa da poesia.

A poesia é o que é, ou não é coisa nenhuma. O sêr poeta não está na vontade, ou no calculo de ninguem, e ninguem subirá ao Parnaso *invita Minerva*.

A meu vêr, não ha coisa mais fácil nem mais difficil, — desculpe-me o paradoxo, — do que fazer a critica de um poeta. Difficil, porque é preciso participar se da susceptibilidade visual que permite vêr o mundo por um caleidoscôpio, através do qual os profanos nada podem vêr; e fácil, porque, determinado um temperamento poético, só resta observar se os versos, em que elle se manifesta, têm grammatica, medida, bom senso e música.

E quando digo música, não sei referir-me a Wagner nem aos sonoros labirintos, que nos maravilham o espirito, mas que não nos tocam a alma nem nos obrigam a lagrimas. Falo da musica que chora ou que ri; que nos embala em extases ou nos despedaça o coração; que tem uma linguagem feita para a alma e que a alma entende; que suspira nas canções do povo, qua nos enleva nas notas sacras de Palestrina, que nos mergulha em sonhos deliciosos, ao evolar-se uma melodia de Bellini...

Ora, os versos de Alberto Bramão têm musica; e qualquer inadvertencia grammatical ou métrica é amplamente resgatada pela correcção que caracteriza o conjunto da obra.

Sendo assim, cifra-se em pouco a apreciação literária das *Phantasias*: — é um bom livro de versos, e está ali um poeta.

Não quero porém fazer ponto, sem notar, com muito aprazimento, que nas *Phantasias* predomina o verso decassillabo. Esta espécie de verso, que, a par da redondilha, constitue uma forma identificada com a poesia nacional, foi sempre,

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

AS ANDORINHAS

Ao teu eirado as andorinhas
Chegaram hontem; vi-as chegar;
Vinhã cançadas as coitadinhas.
Ha tantos dias sempre a voar!

Vinhã do elima lá da Moirama,
D'além do estreito de Gibraltar,
Do chão que vivido o Sol inflamma,
Por sobre a terra, por sobre o mar.

Porém ao longe, mal avistaram
Entre a verdura teu niveo lar,
Alento novo, maior cobraram;
Eil-as o vôo iogo a apressar.

Ah! como alegres o ar fendiam,
Sem um momento sequer parar!
E' que os seus ninhos já descobriam;
E' que te viam, anjo sem par.

Uma, de todas certo a mais bella,
Onde é que havia d'ir-se poisar!
Da tua alcova sobre a janella;
E por ti poz-se como a chamar,

Já entreaberta era a vidraça;
Inda te estavas a pentear;
No teu cabello, manto de graça,
Vinhã os raios do Sol brincar.

E's tu que chegas, ó minha amiga?
Disseste, abrindo-a; e ella a piar;
Eu já conheço a tua cantiga;
Vem minhas maguas suavisar.

Ha muitos dias que te aguardava;
A primavera vac começar.
N'isto entre as mãos a agasalhava;
E ella deixava-se agasalhar!

Procura o ninho que te hei guardado:
Tu bem te lembrás do seu logar;
Ditosa ahí vive com teu amado.
Só eu não posso na terra amar!

A taes palavras, no ar soltou-a;
E a ave, em jubilo, a pipilar,
Ao ninho perto correndo vôa,
Emquanto a jovem quêda a scismar.

Ah! scisma, e attende as preces minhas;
A primavera vac começar;
Se és piedosa co'as andorinhas,
Sé piedosa com meu penar.

As andorinhas são meus desejos;
Para ti andam sempre a voar;
As andorinhas são os meus beijos;
N'esses teus labios querem poisar.

Seus longos pios são minhas queixas;
Mas o que vale tanto queixar?
D'alma a janella fechada deixas;
E fico sempre, sempre a esperar.

Ramos-Coelho.

VERSIONE

LE RONDINELLE

Jeri al tuo tetto—le rondinelle
Giunser: le vidi—proprio arrivar;
Eran ben stanche—le poverette.
Da tanti giorni—sempre a volar!

Venian da luoghi—del regno Moro
Oltre lo stretto—di Gibraltar,
Regione adusta:—e avean viaggiato
Sopra la terra,—e sopra il mar.

Ma appena lungi—tra la verzura
Videro il niveo—tuo casolar,
Per nuova lena—fatte gagliarde,
Eccole il volo—tosto affrettar.

Oh! come allegre—fendon lo spazio,
Omái sdegnose—di riposar!
E' perhé i propri—nidi han scoperto,
E te han creduto—di ravvisar.

D'esse una, certo—la piú vezzosa,
Dove mai, dove—si andò a fermar?
Sopra il balcone—della tua stanza,
Cantando, come—stesse a chiamar.

Era socchinsa—già l'invetriata,
E tu ti stavi—ad acconciar;
Nei tuoi capegli—copiosi e neri
Del Sole i raggi—parean scherzar.

L'imposta aprendo:—«sei tu, dicesti,
O amica?»: ed essa,—pronta a cantar.
«Ah! ben conosco—la tua canzone;
«Vieni il mio duolo—a consolar.

«Da molti giorni—io t'aspettavo;
«La primavera—va a cominciar.»
E colla mano—l'accarezzavi,
E essa lasciavasi—accarezzar!

«Va; cerca il nido—che t'ho serbato:
«Il sito ov'era—dèi ricordar.
«Qui lieta vivi—col tuo diletto.
«Sol io nel mondo—non posso amar!»

Ciò detto; libero—lasciò l'angelo,
Ed esso in giubilo—e a pigolar,
Al vicin nido—dirige il volo;
Mentre la giovine—resta a pensar.

Ah! pensa, e ascolta—la prece mia;
La primavera—va a cominciar;
Se ami pietosa—le rondinelle,
Sii pur pietosa—pel mio penar.

Le rondinelle—son le mie brame,
Che te col volo—vanno a cercar;
Le rondinelle—sono i miei baci,
Che sul tuo labbro—vorrei stampar.

Sono i miei lagni—quei pigolii;
Ma tanto lagno—che può giovar?
Tu ognora hai chiuso—l'uscio del core:
E resto io sempre—sempre a sperar.

Prospero Peragallo.

desde Camões e Sá de Miranda, e sê-lo-á porventura sempre, aquella em que melhor se entalham as locuções do nosso flexível e riquíssimo idioma.

O octossillabo, — redondilha franceza, — com que Bramão transigiu um pouco, por entender talvez que nem toda a novidade faz mal aos novos, é, ao contrário, a fórma mais avêssa á indole da lingua portugueza, e é um enxerto que nunca dará bons frutos, ou que dará sempre frutos híbridos, inaceitáveis a paladares escrupulosos e affeitos á harmonia da poesia nacional.

Se eu pudesse dar conselhos, diria aos poetas novos que, por patriotismo, bom gosto e sentimento da harmonia, devolvessem essa planta exótica ao torrão natal, porque á lingua franceza, desarmoniosa como é, quadra bem o desenxabido e prosaico octossillabo. Reabilitou-o, é verdade, Hugo e Lamartine, mas... foi para uso interno. Nós não precisamos d'elle; temos mais e melhor.

Mas isto, meu amigo, já não é carta, só se fôr *ad ephesios*, e é provavelmente o que vem a sêr.

Acceite a maçada em desconto dos seus peccadilhos, e creia-me

amigo apreciador e grato
Candido de Figueiredo.

S/C. Praça do Principe Real, 5, 1.º



Recebemos e agradecemos:

Lampejos poesias de Ramos Coelho. 1896. Typographia Castro Irmao. Lisboa.

O presente livro, o primeiro de trez que o illustre poeta sr. Ramos Coelho tenciona publicar, forma uma parte da sua importante obra poetica, que tanto apreço tem merecido na republica das lettras, estando já hoje avultado numero das suas poesias consagradas por traduções nas linguas mais conhecidas do mundo. Para breve nos promete o sr. Ramos Coelho os dois volumes restantes cuja contextura seguirá a dos *Lampejos*; isto é, uma mixtura agradável de variados poemas de assumptos differentes, que dão um colorido e uma alternância de estudos sentimentaes muito notaveis á obra poetica sem que no seu conjuncto lhe quebre a doce harmonia que a liga.

De envolta com pequenos poemas já consagrados, como deixamos affirmado, apparecem agora á luz da publicidade, novas poesias que pelo seu valor bem se de-tacam, sem haver necessidade de como diz o sabio poeta: collocal-as á sombra das outras.

Impulsionado pelo elevado sentimento do amor patrio, são bem conhecidas dos nossos leitores grande parte das poesias que se encerram no presente volume.

Colligiu tambem o sr. Ramos Coelho, n'este seu livro as traducções com que tem sido honrados muitos dos seus versos. Embora por modestia vacillasse, fez muitissimo bem em as collocar ao lado dos originaes. As versões italianas devidas ao venerando academico Prospero Peragallo são primores que o OCCIDENTE se orgulha de ter publicado em primeiro lugar.

Ainda hoje, noticiando a appareição do primeiro tomo da encantadora obra poetica do nosso erudito collaborador sr. Ramos Coelho, podemos brindar os leitores com a sua lindissima poesia *As andorinhas*, novo poema inserto nos *Lampejos*, de onde a extrahimos, podendo acompanhal-a de uma primorosa versão em italiano, inédita, graças ao gentil obsequio do reverendo Prospero Peragallo que nol-a offereceu.

N'outro lugar do nosso periodico encontra o leitor *As andorinhas* e por ellas ajuizará do que dizemos.

La Reforma Litteraria, biblioteca española. Director D. Manoel Torenço D'Ayoto.

No primeiro folheto d'esta bibliotheca popular madrilena encerra-se um estudo moral e assás sensato sobre a cultura litteraria do publico madrileno. O que D. Damaso Angelo Maiorca antes d'este trabalho diz referindo-se aos seus compatriotas bem se poderia applicar aos portuguezes. N'ella se insurge o auctor contra os livros de estylo equivooco, contra a educação pouco cuidadosa e o seu thema geral é que onde não ha cultura não ha moralidade. Depois, na sua exposição isso se evidencia.



MULHERES HESPANHOLAS — A MAJA

Sciencias mathematicas.

O novo livro que acabamos de receber do illustrado jornalista, sr. Antonio Cabreira, que é já hoje um mathematico distincto, versa sobre a *geometria da espiral, memoria original do auctor*.

A nova memoria mathematica de Antonio Cabreira, secretario geral do Instituto 19 de Setembro, é completamente original e encerra cerca de cem demonstrações bastante interessantes.

O auctor começa por deduzir uma equação, descoberta sua, demonstrando que n'ella se contem as equações da espiral parabolica de ordem n , hyperbolica e logarithmica, de modo que estas curvas, pelo trabalho de Antonio Cabreira, ficam ligadas pela analyse.

Seguem-se depois muitas propriedades dos vectores assim como valiosos theoremas relativos á *subnormal, á retangular e ao raio de curvatura*.

Dizem os entendidos, verdadeiras auctoridades no assumpto, que este trabalho é de grande valor não só pelas affirmações novas que faz Antonio Cabreira, mas que generalisa os principios enunciados em outro livro seu intitulado *Analyse geometrica de duas espiraes parabolicas*.

Artes de concluir esta noticia não podemos deixar de nos referir á maneira engenhosa e simples como Antonio Cabreira resolveu analyticamente o celebre problema da quadratura do circulo.

Assim este infatigavel trabalhador e entusiasta pela sciencia, depois de justificar o processo pelo qual traça a subtangente á espiral de Archimedes, demonstra que: — *a area do circulo, cujo raio é um certo valor do vector da espiral de Archimedes, é exactamente igual á outra do rectangulo definido pela caracteristica geometrica, e pela subtangente á curva, no ponto a que corresponde aquelle vector*; d'onde se conclue que a solução geometrica se descobre desde que conheça com rigor, o processo que dê a tangente á espiral de Archimedes.

Antonio Cabreira já bastante conhecido no mun-

do da sciencia, tem publicados, que nos lembre, os seguintes trabalhos: — *Soluções positivas da politica portugueza*, a que este periodico, em tempo já se referio, *A assimilação do negro*, resposta ao sr. Adolpho Coelho, *Relatorio das propostas para a celebração scientifica do centenario da India*, e sobre sciencias mathematicas e ésta a quinta obra que publica o mesmo illustrado escriptor.

Este ultimo trabalho de Antonio Cabreira deve, como os antecedentes, produzir justificada impressão no nosso meio scientifico.

Felicitamos Antonio Cabreira por ter dotado o nosso paiz com mais um documento do que vale a sciencia portugueza.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras
d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de perealine, 500 réis

Está publicada e á venda

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39